O edifício tem nome: Verticalização e Toponímia no Centro de Fortaleza (1931 – 1964)

DOI: 10.54446/bcg.v14i2.3503

Gleilson Angelo da Silva[1]

Resumo

O presente artigo tem por objetivo relacionar a verticalização no Centro de Fortaleza, capital do Ceará, a partir dos nomes dos edifícios, com o contexto histórico em que foram inaugurados, tendo como base uma série de taxonomias de natureza antropocultural. O recorte temporal compreende a partir de 1931, quando o primeiro "arranha-céu" da cidade foi inaugurado, o Excelsior Hotel, até 1964, ano de inauguração do edifício Palácio Progresso, estando compreendido num momento em que os eixos de verticalização estavam se especializando para além do núcleo central da cidade. Por meio de documentos, legislação urbanística, dados secundários, plantas e fotos antigas, foi possível escolher dez edifícios para analisar algumas características que pudessem exprimir no tempo e no espaço os motivos que levaram às suas respectivas denominações. A própria localização destes representa uma fase diferente da verticalização no Centro, sua importância histórica apresenta novas formas de morar e construir, novos usos e funções que lhes são atribuídas refletem o modo como a própria cidade fora construída ao longo do tempo e tudo isto pode ser analisado a partir da denominação. Dos nomes dos lugares para os edifícios, a formação de um topônimo cuja relação está ligada a fatores endógenos e exógenos, históricos, geográficos e tantos outros elementos, constrói um imaginário eivado de valores, crenças e olhares sobre o mundo. Assim sendo, a relação entre verticalização e Toponímia (estudo do nome dos lugares) permite uma leitura sobre o espaço urbano trazendo processos importantes para o entendimento das transformações ocorridas no Centro da capital.

PALAVRAS-CHAVE: espaço urbano, lugar, toponímia, edifício, centro.

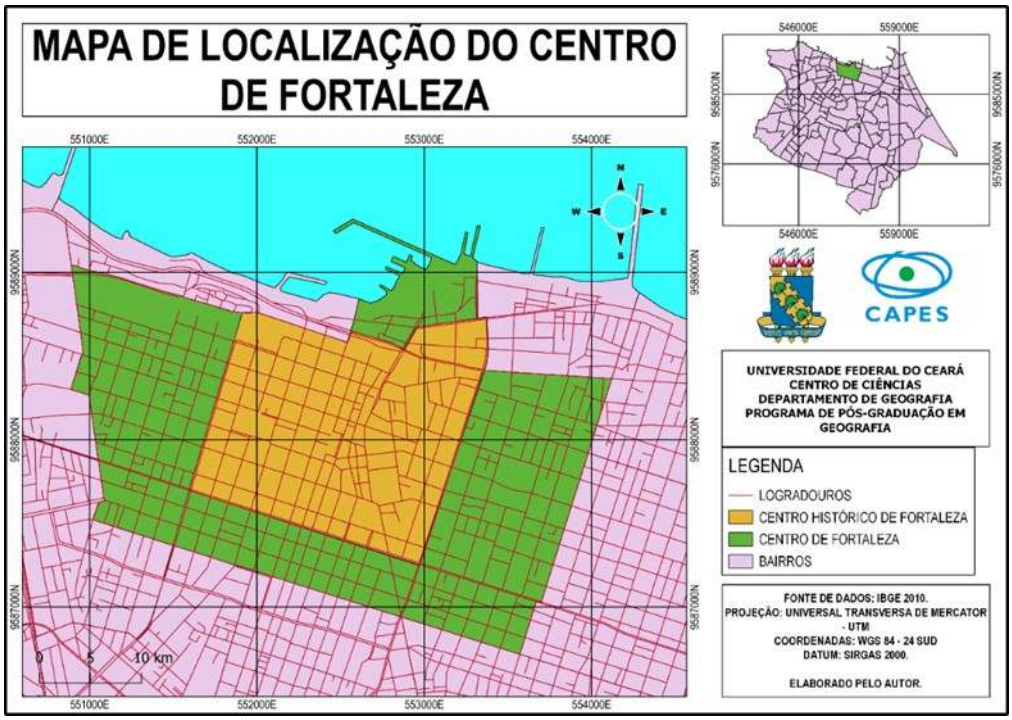
1 Doutor em Geografia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e pós-doutorando na Universidade Estadual do Vale do Acaraú (UVA). E-mail: angelosilva002@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0003-3823-7110.

Introdução

Ao caminhar pelo Centro de Fortaleza, capital do Ceará, nos deparamos com edifícios de várias épocas que são testemunhas dos processos pelos quais a cidade passou ao longo dos anos. Alguns nomes chamam atenção e promovem questionamentos acerca de sua escolha e origem, tais como os motivos que levaram a tal escolha. A cidade passou por profundas transformações desde a segunda metade do século XIX, na área correspondente ao bairro Centro, com a construção dos primeiros palacetes e sobrados seguindo os padrões europeus e, a partir dos anos 1930 iniciou a construção de edifícios cada vez mais altos, tendo como marco principal a inauguração do primeiro "arranha-céu", o Excelsior Hotel, em 1931 (COSTA, 2017). A área central (até então praticamente toda a cidade) iniciou, então, um processo de verticalização que alterou significativamente a paisagem, estando este atrelado ao de urbanização ["concentração do povoamento em um espaço, o que implica a concentração de técnicas, de meios de produção, de poderes" (WANDERLEY, 2001, p. 23)] e, posteriormente, reforçado com a metropolização ["arranjos urbano-regionais, que são focos concentradores, que se firmam como os principais centros da rede urbana"(MOURA, 2009, p. 25)] a partir dos anos 1970 (SOUZA, 2009).

A figura 1 apresenta a localização do Centro no município de Fortaleza, que no passado correspondia à própria cidade, desde a sua criação (1723), instalação como vila (1726) e elevação à capital (1799) até a extrapolação dos seus limites, nas primeiras décadas do século XX. Durante este processo, muitas foram as mudanças que alteraram significativamente a morfologia urbana, resultando no aumento do tamanho da cidade, quantidade de habitantes, início do processo de verticalização, abertura e prolongamento de ruas e avenidas, dentre outros. Os limites atuais correspondem aos chamados Centro antigo e Centro expandido, nos quais estão instaladas construções que datam do final do século XIX e os primeiros edifícios que guardam características arquitetônicas de suas épocas, compondo um mosaico que marca a paisagem entre antigas e novas formas presentes no espaço (SILVA, 2009). O recorte temporal definido para este artigo abrange a década de 1930, especificamente o ano de 1931 (inauguração do Excelsior hotel), e percorre as décadas de 1940 até 1960 com a escolha do Palácio Progresso (1964), levando em consideração a importância histórica dos edifícios selecionados (no total de dez), acompanhando também o crescimento da cidade e a expansão para além dos limites do centro, uma vez que, a verticalização nesta área avançou lentamente, de modo que em outros bairros desenvolveu-se de forma mais significativa com a construção de edifícios mais altos, bem como do tipo de construção (médio e superior, por exemplo).

Figura 1. Localização do Centro de Fortaleza – Ceará.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Este artigo analisa alguns aspectos do espaço urbano e os relaciona com a construção de alguns edifícios, elencando algumas especificidades que permitem a leitura sobre o Centro. Desta forma, é necessário compreender a verticalização ali ocorrida, observando a denominação dos edifícios residenciais e comerciais. Pretende-se analisar e diferenciar as tipologias utilizadas tanto na especialização dos edifícios (serviços e finalidades) quanto na nomenclatura, relacionando-a com o simbolismo de poder e observando como o discurso de progresso e modernidade intensificou e impulsionou o processo de verticalização criando novos eixos e fazendo com que, por meio da alteração da legislação urbanística ao longo do tempo, possibilitasse a construção de edifícios cada vez mais altos ou arranha-céus em bairros como Aldeota, Meireles e Varjota, por exemplo.

Dividido em quatro partes, o desenvolvimento dos temas que serão abordados retrata um olhar do passado a partir das formas presentes e como elas se apresentam na paisagem, tal como sua importância como elemento fundamental para a leitura da cidade e do urbano numa metrópole como Fortaleza, relacionando processos de cunho linguístico e como estes temas conseguem ser explicados por meio de processos e fenômenos.

Algumas questões norteadoras foram elencadas para embasar e desenvolver os temas propostos envolvendo a Geografia, a Arquitetura e o Urbanismo e a Toponímia: Qual a relação entre a denominação de edifícios (residenciais e comerciais) e a produção do espaço urbano, a partir da verticalização? A partir de qual momento a

verticalização foi intensificada na cidade e alterou o *skyline*[2] e a sua morfologia urbana? Há um conjunto predominante de topônimos? Como podemos fazer uma leitura do espaço urbano a partir da Toponímia?

O início da verticalização no Centro de Fortaleza

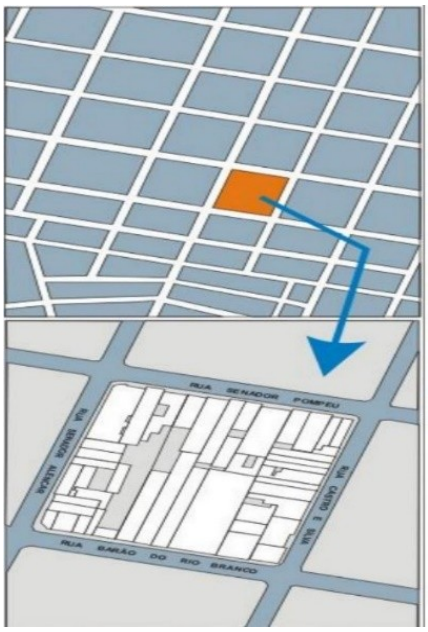
Compreende-se o papel da capital alencarina dentro da rede urbana cearense nos séculos XIX e XX, atraindo não somente investimentos, como profundas mudanças, que alteraram significativamente a sua morfologia, na qual é possível avistar marcas do passado e do presente reunidas num só lugar: o Centro, que concentrou a função predominantemente residencial até a década de 1930, quando a elite que morava ali mudou para outros bairros (Jacarecanga, Benfica e Aldeota), administrativa até a década de 1970 quando os principais órgãos começaram a migrar para outros bairros, permanecendo a função comercial, embora ainda haja muitos residentes (SILVA, 2009).

Segundo Andrade (2016), o marco temporal que evidencia uma série de profundas mudanças no que diz respeito às técnicas e materiais de construção, data das primeiras décadas do século XX, mas é a partir do primeiro Código de Obras de 1932 que o concreto armado é mencionado como elemento modernizador da arquitetura, substituindo aos poucos as paredes de alvenaria ainda vigentes nas construções da época. O grupo de engenheiros locais e de outras partes do Brasil compõe a geração que, até a década de 1950, introduziu novas técnicas e materiais que possibilitaram, de certa forma, a construção de edifícios cada vez mais altos, acompanhando também a evolução da legislação urbanística que se renovava a cada atualização destas técnicas, materiais e novas tecnologias.

A configuração dos quarteirões e lotes no Centro apresentava resquícios históricos e isto é explicado por Farias (2008, p. 8) quando assinala que "a dificuldade de acesso e um sistema de divisão fundiária de difícil alteração, de herança colonial portuguesa, gerou uma tipologia de habitação estreita e comprida", compreendendo, assim, a lógica da construção de pequenas galerias no sentido leste-oeste, para facilitar o deslocamento neste sentido (figura 2). Pinheiro (2011, p. 46) afirma que "a estrutura urbana pode ser classificada por diferentes períodos, cada um deles correspondendo a uma etapa da urbanização e colocando em evidência as políticas e ideologias dominantes", ou seja, compreender o processo no qual a cidade de Fortaleza foi transformada é entender como ela se apresenta na atualidade.

2 Gonçalves (2010) aponta que o *skyline* das cidades contemporâneas define a forma e a paisagem urbana no qual os edifícios altos despontam e possuem um significante papel.

Figura 2. O traçado de xadrez das quadras e lotes da área central de Fortaleza.



Fonte: Farias, 2008.

Desta forma, é compreensível, do ponto de vista estrutural, a dificuldade de verticalização na área central de Fortaleza, embora seja possível encontrar alguns edifícios que fazem parte da paisagem urbana e que contam a história da cidade. A expansão para além dos limites estabelecidos ainda no final do século XIX se concretizou à medida que a população aumentou, sobretudo em anos de seca e, de acordo com Souza (1978), somente entre as décadas de 1920 e 1940, Fortaleza aumentou em 129% a sua população que era originária do interior, num intenso processo de migração interna, evidenciando os problemas sociais já existentes na capital e que acabaram sendo acentuados, com a chegada destas pessoas, os problemas em setores como higiene, habitação e saúde, por exemplo.

A necessidade de controle do território fora fundamental para zonear e definir os locais para onde a cidade deveria crescer e se desenvolver, assim como o uso do solo e a ocupação. Margeando a via férrea ou os chamados *boulevards* da época (Visconde do Rio Branco, Visconde do Cauípe, Bezerra de Menezes, Santos Dumont, dentre outras), observou-se um intenso crescimento desde 1888 até a década de 1930 (PONTE, 2014), demonstrando a superação de barreiras naturais, como no caso do riacho Pajeú, que dificultou a expansão de Fortaleza para leste. As classes média e alta iniciaram um processo de saída do Centro e começaram a construir seus palacetes em bairros como Jacarecanga, Benfica (anos 1930) e Aldeota (anos 1940) e que foram, posteriormente, desaparecendo aos poucos e surgindo torres residenciais cada vez mais altas (anos 1990), mas o Centro ainda continuava possuindo as funções de moradia, comerciais e administrativas (ANDRADE, 2016 e COSTA, 2017).

A partir de documentos como o Código Municipal de 1932 (introdução de novas formas e materiais de construção, ocupação), os decretos de 1936 e 1938 (indução à verticalização na área comercial, com os prédios de dois a três andares); os planos de

Saboya Ribeiro (1947) e Hélio Modesto (1963), com a progressiva elevação do gabarito permitido, passando de sete para doze pavimentos, por meio do decreto 785/47 (Plano Diretor), do Código Urbano 2004/62 e do Plano Diretor, lei 2128/63, dentre tantos outros, foi possível a divisão de Fortaleza em zonas, sendo utilizado como instrumento de ordenamento do uso e ocupação do solo, contendo diretrizes de acordo com as funções atribuídas: residencial, industrial, proteção paisagística, área de praia, central, institucional, dentre outras.

Denota-se a quantidade de pavimentos permitidos em cada um, a introdução de novos materiais na construção de edifícios, direcionando o trabalho dos profissionais e demonstrando o interesse dos gestores em determinadas áreas da cidade, que posteriormente estariam mais estruturadas do que o próprio Centro, diferenciando-se não somente pelo fortalecimento de uma rede de serviços, mas no que diz respeito ao tamanho dos quarteirões e lotes, além do aumento do gabarito (como mencionado), permitindo a construção de edifícios com mais pavimentos (ANDRADE, 2016) e também a readequação funcional da malha urbana e reestruturação do traçado (FARIAS, 2008).

Aliada a estes processos, a atividade imobiliária cresceu e, juntamente com as alterações nas leis ao longo do tempo fez com que os primeiros edifícios tornassem a materialização destes processos, que foram articulados com vários setores e fizeram com que não somente o uso e ocupação do solo fossem alterados, como também potencializada a sua valorização. Os agentes privados já estavam por trás dos planos elaborados para o melhoramento da infraestrutura das novas áreas, pois havia uma expectativa acerca da valorização imobiliária que estava em expansão e necessitava de novos espaços para a sua reprodução. Desta forma, o Centro deixou de ter inúmeras funções para ser cada vez mais predominantemente comercial, uma vez que, estava relacionado, também, à questão da chegada dos meios de transportes como bondes, ônibus e automóveis, permitindo o deslocamento e a possibilidade de morar em áreas mais distantes que a central (GOTTDIENER, 1997; VILLAÇA, 2001).

Para resumir este início da verticalização, Diógenes (2001, p. 105-106) explicita que

> no início da década de 30, aparecem os primeiros edifícios altos no centro da cidade, o que estimulou cada vez mais o uso do concreto armado como sistema estrutural. Aliás, pode-se afirmar que o processo de verticalização das cidades de modo geral foi consequência direta da intervenção de três fatores: tecnologia estrutural, surgimento do elevador e especulação imobiliária. O termo edifícios altos, empregado para caracterizar algumas edificações surgidas na cidade de Fortaleza nesse período, está sendo usado principalmente para diferenciá-las dos sobrados e de algumas construções altas existentes até então. Na verdade, esses edifícios altos se distinguiam mais pela aparência estética, minimalista, "moderna", em parte decorrente da técnica empregada – o concreto armado – do que propriamente pela altura. Todos esses edifícios tinham uso comercial e foram construídos no centro da

> cidade para abrigar salas para escritórios e consultórios médicos, demanda que começava a surgir na época.

Para além da estética e da função, este artigo analisa também a questão dos nomes dos edifícios, pois chamam atenção tanto quanto sua aparência e altura. Muitas questões estão ligadas quanto à escolha dos nomes e os estudos acerca dos nomes dos lugares permite compreender como os edifícios são nomeados e condizem, algumas vezes, com uma série de fatores que envolvem desde um conjunto de nomenclaturas específicas por parte de algum empreendimento até a sua relação histórica com determinadas épocas que influenciaram direta e indiretamente no tipo de nome empregado.

A Toponímia e os topônimos: Os nomes dos edifícios

A Toponímia, parte da Onomástica (ciências dos nomes) e que está contida na Lexicografia (estuda as palavras da língua), é uma das ciências do léxico dentro da Linguística (FAGGION; MISTURINI, 2014), englobando não somente a procura pelo significado dos nomes dos lugares, mas todo o contexto em que está inserido, buscando relacionar diversos processos e fenômenos como forma de construção da própria linguagem empregada. Ela se aproxima de outras ciências, pois para investigar a origem e formação dos nomes é necessário compreender vários processos de ordem geográfica, histórica, antropológica, biológica, psicológica, relacionando conceitos como os de memória, espaço, lugar e identidade, por exemplo. Vincent (1947, p. 4) afirma que

> Toponímia é a ciência que estuda os nomes dos lugares. Sua finalidade é de apreender suas formas modernas e antigas, de refazer e de explicar sua história, de reconstruir sua forma original; de determinar o sentido desta. Ela visa extrair estes nomes das indicações sobre a história dos lugares que eles designam. Sobre os homens que os determinam, seus nomes, suas línguas, suas atividades, suas instituições, suas crenças.

A língua, de acordo com Sapir (1921) é repleta de símbolos que refletem aspectos físicos e sociais dos locais onde estão inseridos, revelando hábitos, costumes, influências e tendências, identificados a partir de vivências e experiências que apontam como determinados locais foram construídos e modificados ao longo do tempo, ampliando para o entendimento dos caminhos, ruas e estradas, por exemplo. Lyons (1976), reforça que a construção de uma nomenclatura para locais e, posteriormente, para o que será inserido neles, parte de uma ideia básica, relacionando elementos que podem ser físicos e sociais ("rio descoberto em janeiro", "rio em cujas margens abundava a palmeira *jerivá*") (p. 117).

A partir da utilização de elementos gramáticos como prefixos e sufixos, foi possível compreender a construção de diversas formas de nomear lugares e auxiliou na construção de um quadro de taxonomias de natureza física e antropocultural,

elaborado por Dick (1990b), constituído pela taxonomia, definições e exemplos, no total de vinte e oito, representadas no quadro 1.

Quadro 1. Taxonomias de natureza física e antropocultural.

Taxonomia	Definição	Exemplos
Acronimotopônimo	Motivação em acrônimo (palavra formada pela inicial ou por mais de uma letra de cada um dos segmentos sucessivos de uma locução).	J. C. Smart
Animotopônimo ou Nootopônimo	Relacionado à vida psíquica, cultural, espiritual.	Edifício Quality
Antropotopônimo	Relativo a nomes de pessoas.	Paul Cezanne
Astrotopônimo	Refere-se aos corpos celestes.	Eta Carinae
Axiotopônimo	Antropotopônimo acrescido de título.	Marechal Mallet
Cardinotopônimo	Posição geográfica.	Atlântico Sul
Corotopônimo	Espaços territoriais como região, países, territórios, municípios.	Vermont
Cromotopônimo	Referente a cor.	Esmeraldina
Cronotopônimo	Indicativos cronológicos.	Vintage Meireles
Dimensiotopônimo	Dimensão dos acidentes geográficos como extensão, comprimento, largura, dentre outros.	Volta da Jurema
Dirrematopônimo	Sintagma toponímico derivado de expressões cristalizadas.	Boa Vida
Ecotopônimo	Habitação em geral.	Mansão Zerbini
Ergotopônimo	Cultural material do homem.	Grand Palais
Etnotopônimo	Grupos étnicos, como povos, tribos, castas, dentre outros.	Guarany Residence
Fitotopônimo	Espécies vegetais.	Vitória Régia
Geomorfotopônimo	Relevo e/ou formas topográficas.	Enseada do Sol
Hidrotopônimo	Acidentes hidrográficos em geral.	Mares de Iracema Residence
Hierotopônimo	Nome de lugar de ordem religiosa.	Oxumaré
Historiotopônimo	Fatos ou personalidades históricas.	Abolição
Hodotopônimo	Vias rurais e urbanas.	Via Bella
Litotopônimo	Espécie mineral, incluindo o solo e sua constituição.	Topázio
Meteorotopônimo	Fenômenos atmosféricos.	Equatorial Trade Center
Morfotopônimo	Formas geométricas.	Quartier Latin
Numerotopônimo	Relativo a numerais.	Três Caravelas Hotel

Poliotopônimo	Aglomerado populacional como vilas, cidades, dentre outros.	Vila Formosa
Sociotopônimo	Atividades profissionais, locais de trabalho e pontos de reunião.	Porto de Iracema Residence
Somatopônimo	Expressões metafóricas relacionadas as partes do corpo.	Le Mans
Zootopônimo	Referente a animais.	Águia de Haia

Fonte: Dick, 1990b; Silva, 2017. Elaborado pelo autor.

A relação com a nomenclatura dos edifícios realça e reforça a importância de compreender, no tempo e no espaço, o uso da linguagem não-verbal (placas, imagens, logotipos, por exemplo) reverberada nos edifícios como parte da materialização de ideias e fenômenos interescalares que refletem processos internos e externos. Dick (2001, p. 80-81) explicita que os nomes dos lugares (assim como dos edifícios) surgem e são resultado de fatores sequenciais: "apreensão do objeto no espaço, conhecimento e percepção de seus detalhes [...], representações linguísticas percebidas, ou seja, o uso do código e significação, manifestação denominativa", sendo importante compreender o contexto histórico no qual determinado fato ocorreu para apreender os elementos que originaram certas denominações.

Compreender como os edifícios contam a história das cidades é perceber como esta foi pensada por meio de leis, decretos e códigos que permitiram seu desenvolvimento para determinada área a partir de um núcleo central e de como tendências e eventos proporcionaram que técnicas e formas fossem cada vez mais revolucionárias nos modos de construir, morar e utilizar a partir do uso do solo. Mencionados anteriormente, os dez edifícios foram escolhidos levando em consideração os seguintes atributos: ano (entre as décadas de 1930 e 1960, caracterizando uma fase do processo de verticalização mais acentuada no Centro), localização (mais próximo ou distante da área central), tipo de nomenclatura (taxionomias de natureza física e antropocultural), uso (residencial, comercial ou de uso misto), importância histórica. Os edifícios escolhidos para serem trabalhados neste artigo, foram: Excelsior Hotel (1931), Granito (1934), Jangada (1948), SulAmérica (1953), Jalcy Metrópole (1959), Jalcy Avenida (1960), Philomeno Gomes – Lord Hotel (1956), Cineteatro São Luiz (1958) e Palácio Progresso (1964).

O edifício Excelsior (figura 3) foi o primeiro a ser construído na cidade para a finalidade de hotel, num logradouro que se tornaria referência por muitos anos (Praça do Ferreira) e, com seus oito pavimentos, destacou-se na paisagem, com sua arquitetura em estilo eclético e tecnologia inovadora, com a utilização de elevadores, possibilitando posteriormente a construção de edifícios cada vez mais altos, juntamente com outras inovações tecnológicas. Inspirado num edifício de Milão, o responsável pela obra foi Natali Rossi, irmão de Pierina Rossi, esposa de Plácido de Carvalho, proprietário do prédio e do hotel, além de firmas, fábrica de cigarros, loja de tecidos. Inaugurado em 1931, funcionou até 1987, sendo construído no mesmo local onde antes estava instalado o sobrado do comendador José Antônio Machado (1825) (BENEDITO, 1999). O seu nome representou, para a época, símbolo de grandeza, daí o

nome Excelsior que significa: grandioso, majestoso, incrível, superior, dentre outras traduções do latim. Eis um exemplo de tipo de denominação que representa o *status* e a sua importância para o processo de verticalização da cidade.

O edifício Granito (figura 4), construído em 1934 em estilo *Art-Déco* (principal forma expressiva desta década nos edifícios construídos), possui três pavimentos (um térreo e mais dois comerciais) e localiza-se na esquina seguinte, próximo ao Excelsior Hotel. No local, funcionava a *Maison Art-Nouveau* e o Restaurante Chic e, no Granito, funcionaram lojas Tok-Discos, Pernambucana, *Broadway,* Rouvanil, dentre outras (AZEVEDO, 1991).

Figura 3. Excelsior Hotel (1931)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 4. Edifício Granito (1934)



Fonte: Arquivo pessoal.

O uso do edifício e o material serviram de inspiração para a nomeação dos dois edifícios, pois expressam os valores e pensamentos de uma época. Revelam a ostentação de determinada obra e esta característica fez do hotel um marco na paisagem fortalezense, enquanto que, no outro lado da esquina, um edifício menor, mas importante para consolidar a esquina como uma das mais importantes da cidade, confirmaram o crescimento da cidade a partir da Praça do Ferreira. A denominação granito revela o tipo de material utilizado na sua construção, uma característica das nomeações dos edifícios do período, relacionar com o contexto no qual estavam inseridos.

O edifício Jangada (figura 5) traz consigo toda uma importância, sendo o primeiro da Companhia Prudência, de muitos que a empresa construiria em outras capitais nordestinas, bem como Recife, Natal, João Pessoa e Salvador. Com sua arquitetura que primava pelo acabamento, senso artístico, competência técnica, dentre outros atributos, foi instalado próximo a sedes de antigos bancos. De acordo com Borges (2006), é recoberto de granito branco vindo de São Paulo e foi destinado a instalação de escritórios e salas comerciais. Com o fim da Prudência, o prédio foi adquirido pelo INSS, que o modificou internamente, embora boa parte de sua fachada ainda preserva as linhas originais. Ao contrário dos edifícios de seu tempo, poderia ter

recebido o nome da companhia que se instalou, mas a escolha por um elemento da cultura local simbolizou o edifício.

O edifício SulAmérica (figura 6), assim como o edifício Jangada, pertencia a uma grande empresa corporativa, carregando no seu próprio nome a denominação e destinação (companhia de seguros), mesmo sendo uma das últimas obras em *Art-Déco* da cidade, ainda do período da década de 1930. Vendido em 1968, preserva todo o requinte de uma época e marca a paisagem no Centro. Ele traz o tipo de denominação muito comum que era das empresas que se estabeleceriam como uma forma de marca estampada no edifício.

Figura 5. Edifício Jangada (1948)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 6. Edifício SulAmérica (1953)



Fonte: Arquivo pessoal.

Utilizando-se de elementos naturais e antropoculturais, os dois nomes remetem ao trabalho, uma vez que a jangada é um dos instrumentos de trabalho dos pescadores e símbolo presente até hoje no cenário cultural da cidade, enquanto o outro (SulAmérica), apesar de o nome determinar um sentido geográfico, representa uma corporação importante e responsável, junto a outras, pelo desenvolvimento econômico regional, tomando proporções nacionais representadas por edificações imponentes, ricos materiais e inovações tecnológicas às suas épocas.

Os edifícios Jalcy Metrópole e Jalcy Avenida, pertencentes ao mesmo proprietário (José Alcy Siqueira, exportador, natural de Viçosa do Ceará, conhecido como o "playboy do Ceará", namorou a Miss Brasil 1957, Terezinha Morango, morrendo pobre e esquecido[3]), são reflexos de expansão, estando localizados em dois corredores onde a verticalização estava crescendo. O eixo de expansão da Rua Guilherme Rocha propiciou a construção de vários edifícios comerciais, visto que se tornou um lugar de passagem entre dois logradouros importantes: a praça do Ferreira e a praça José de Alencar (formando juntamente com as ruas Liberato Barroso, Barão

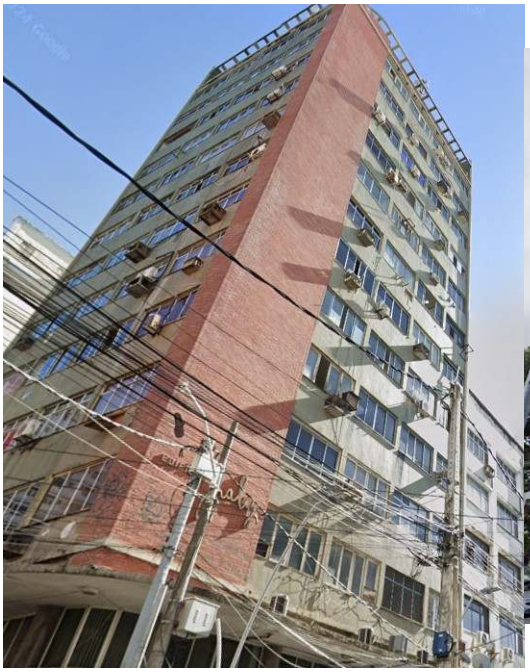
3 O Playboy do Ceará. Disponível em: http://www.fortalezaemfotos.com.br/2023/01/o-playboy-do-ceara.html. Acesso em: 01.08.2024.

do Rio Branco e Major Facundo o famoso *Quarteirão Sucesso*, onde se encontravam as principais lojas, além daquelas que estavam na Praça do Ferreira), tornando-se a primeira rua destinada exclusivamente para pedestres (CAPASSO, 2004).

É neste contexto, juntamente com o crescimento da cidade e a substituição de sobrados por edifícios, que o Jalcy Metrópole (figura 7) é inaugurado em 1959, onde outrora estava a Farmácia Albano e onde funcionaram também a Farmácia Meton, a Farmácia Fortaleza, o Café Rex, a Sorveteria Pontes, a casa de merendas Pic-Nic, e, já como edifício, abrigou lojas como: Waldo's Café e Tabacaria, Palácio das Canetas, Óticas Itamaraty, dentre outras (AZEVEDO, 1999). O Jalcy Avenida (figura 8), segundo Cavalcante e Barroso (2016), surgiu como novidade pelo conceito inovador de edifício residencial e comercial. Com seus 12 pavimentos, foi por muitos anos o edifício mais alto da cidade. Isso porque a alteração na legislação urbanística permitiu o aumento do número de pavimentos, dentre outros, juntamente com os incentivos do Banco Nacional de Habitação (BNH) para a construção de residências multifamiliares, abriu novos eixos de verticalização, como na recente Avenida Beira-Mar, iniciando a verticalização dos bairros Meireles e Aldeota (este permeado pela avenida Santos Dumont).

Os dois são reflexos do seu tempo: o nome do proprietário nos edifícios ou da família como era comum nos anos 1920 e 1930, logo após os nomes das empresas e posteriormente a escolha de vários tipos de topônimos para designar as construções. Outro elemento importante é a localização, uma vez que, o Jalcy Avenida introduz o tempo Avenida para destacar o lugar onde ele está instalado.

Figura 7. Edifício Jalcy Metrópole (1959)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 8. Edifício Jalcy Avenida (1960)



Fonte: Arquivo pessoal.

O edifício Philomeno Gomes[4] (figura 9), onde se estabeleceu o Lord Hotel, foi um dos marcos da hotelaria, uma vez que, além do Excelsior Hotel e de muitas pensões e pequenos hotéis, estavam localizados a leste da Praça do Ferreira. Construído no local onde funcionou o colégio Partenon, sua inauguração ocorreu em 1956, arrendado para um casal suíço em 1959 e funcionou até 1992, quando foi fechado e transformado em residência, como apart hotel (BENEDITO, 1999). Tombado desde 2006, a arquitetura chama a atenção, pelas sacadas abauladas, linhas retas e esquadrias de madeira com venezianas, seja por sua cobertura com pérgulas, enriquecendo os seus oito pavimentos (PAIVA *et al*, 2019). Apesar do nome oficial, Philomeno Gomes, ele é conhecido pela função que exerceu de hotel, o Lord. Também é um fruto do tempo em que os edifícios recebiam o nome de seus proprietários.

O edifício Carlos Jereissati[5] (figura 10), conhecido por abrigar o Hotel Savanah e as Lojas Brasileiras (Lobrás) ou 4.400 (número que virou marca e conhecida em Fortaleza por ser a primeira a instalar escadas rolantes), inaugurado em 1957, localiza-se ao lado do SulAmérica, ao norte da Praça do Ferreira. Possuía dez suítes e 128 apartamentos, tornando-se a primeira torre hoteleira da cidade e o maior e melhor hotel da época, posto este ostentado pelo Excelsior durante muitos anos e, após o Savanah, outros hotéis foram construídos na orla, tendo esse fechado em 1992 (DUARTE e VASCONCELOS, 2016). No térreo ainda funcionam as Casas Bahia e, em 2016, algumas salas e andares foram alugados pela faculdade Joaquim Nabuco e, posteriormente, UNINASSAU que também já não ocupa este edifício. Este é outro exemplo do qual o nome oficial não é conhecido por todos, mas a sua função, no caso o Savanah, efetivando-se como uma marca toponímica.

4 Nasceu em 1888, foi empresário e dono de fábricas de cigarros, usina têxtil e industrialização do caju, beneficiamento de algodão até entrar no ramo imobiliário . Faleceu em 1983. Disponível em: https://assislima.com.br/2021/03/21/pedro-philomeno-ferreira-gomes-um-visionario/. Acesso em: 01.08.2024.

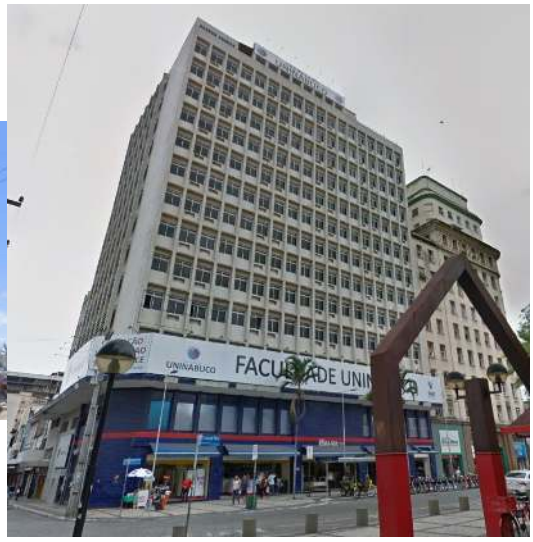
5 Senador cearense (1916 - 1963) foi um industrial, empresário também. De origem libanesa, é pai do também político Tasso Jereissati. Disponível em: https://www25.senado.leg.br/web/senadores/senador/-/perfil/1551. Acesso em: 01.08.2024.

Figura 9. Edifício Philomeno Gomes – Lord Hotel (1956)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 10. Edifício Carlos Jereissati – Hotel Savanah (1957)



Fonte: Arquivo pessoal.

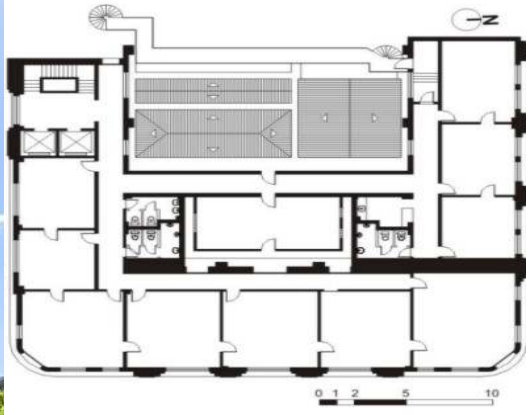
O edifício e Cineteatro São Luiz (figura 11), de Luiz Severiano Ribeiro, foi um marco na consolidação da Praça do Ferreira, sobretudo pela sua localização e também pela sua importância para a história dos cinemas, não só em Fortaleza como no Brasil, sendo considerado um dos maiores e mais bonitos do Norte e Nordeste. Projetado por Humberto Menescal, sua construção iniciou-se ainda no final da década de 1930 (justificando, assim, o estilo *Art-Decó*), mas só foi inaugurado em 1958, com o filme *Anastácia*. Destinado à classe mais alta da sociedade fortalezense, hoje, além da função de cinema abriga alguns órgãos públicos (SECULT, por exemplo) em seus pavimentos, além de empresas. Tombado em 1991 e fechado em 2005, foi refuncionalizado e a divisão dos pavimentos de acordo com o seu uso (figura 12) já existente facilitou o reaproveitamento de seus pavimentos com: salas comerciais, salas maiores e demais usos. Outra forma interessante de denominação é uma *santificação* relacionada à pessoa que o mandou construir (São Luiz – em homenagem a Luiz Severiano Ribeiro, fundador do grupo Severiano Ribeiro, responsável pela exibição cinematográfica).

Figura 11. Cineteatro São Luiz (1958)



Fonte: Arquivo pessoal.

Figura 12. Desenho do sétimo pavimento com a divisão a partir do qual se conforma uma ocupação em "U" e periférica das salas



Fonte: DERT/CE.

O Palácio Progresso (figura 13), projeto do arquiteto José Liberal de Castro, foi idealizado e construído pelos incorporadores José Lino da Silveira Filho e Aécio de Borba Vasconcelos, sendo este empreendimento o primeiro de grande porte para fins comerciais e de serviços, localizando-se num eixo que se valorizou muito, estando a leste da Praça do Ferreira e onde outros edifícios comerciais também foram construídos, além de estar num corredor que liga a área central à área cerealista da rua Governador Sampaio e localizado no eixo de acesso para a Aldeota. Sua característica moderna foi incorporada à própria configuração do lote (estreito e comprido), tendo como referência o edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, mas adaptado às condições climáticas, substituindo uma parte dos vidros da fachada por materiais quebra-sol e caixinhas para conter os aparelhos de ar condicionado, muito comuns na época, tornando o projeto cada vez mais racional e regular (PAIVA, ROCHA e DIAS, 2021).

Paiva e Diógenes (2011, p. 7) afirmam que o "conhecimento dos materiais, das técnicas e meios de construção, além da busca do sentido formal, elementos essenciais do fazer arquitetônico" foram de fundamental importância para ressaltar o edifício, uma vez que, sua expressão formal traduz a regularidade existente tanto do ponto de vista da solução estrutural, quanto da coordenação modular das salas comerciais (PAIVA, ROCHA e DIAS, 2021). Este segue um tipo de denominação que foi bastante utilizado no início do século XX para atrair a classe mais abastada empregando termos que remetiam aos bangalôs, palácios, palacetes, mansões, dentre outros, comuns até as três primeiras décadas do século quando as famílias optaram por viver em apartamentos.

Figura 13. Edifício Palácio Progresso (1964)



Fonte: Arquivo pessoal.

A figura 14 espacializa e apresenta os edifícios selecionados no Centro de Fortaleza. Observa-se os eixos de verticalização da Rua Guilherme Rocha e a concentração de alguns deles ao redor da Praça do Ferreira, enfatizando a importância deste logradouro, uma vez que foi o principal durante anos (como fora mencionado). Os demais seguem alguns marcos históricos importantes para compreender o quanto a cidade foi crescendo e expandindo seus limites ao longo do século XIX até as primeiras décadas do século XX: do núcleo central ao redor da Praça da Sé, passando para a Praça General Tibúrcio, Praça do Ferreira e, posteriormente, a Praça José de Alencar até alcançar a Avenida Duque de Caxias.

Concomitante a isto, outras áreas da cidade foram crescendo e sendo valorizadas (como apontado anteriormente) num movimento que pode ser considerado como um dos resultados do processo de urbanização, tanto do ponto de vista da sua infraestrutura (abertura de novas avenidas, movimento das classes no espaço: elite saindo do Centro para outros bairros e a predominância da função comercial, a construção de edifícios com padrões cada vez mais sofisticados na área central e, posteriormente, na zona leste da cidade).

Figura 14. Mapa de localização dos edifícios.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir da contextualização histórica, foi elaborado um quadro com os nomes dos edifícios apresentados e cada um reflete um pouco a sua época, seja pela forma de construir, linguagem, materiais de construção ou inovações tecnológicas. Do ponto de vista linguístico, cada um deles expressa também elementos, processos e fenômenos de cada época levando em consideração os fatos e acontecimentos, sendo, desta forma, compreensível um conjunto de vocábulos de determinadas décadas, mas que até hoje são exemplos de denominações de edifício. O quadro 3 apresenta os edifícios, ano, quantidade de pavimentos e taxionomias (física e antropocultural) de forma resumida, para melhor compreender a variação toponímica.

Quadro 3. Quadro taxionômico dos edifícios elencados.

Edifício	Ano	Pavimentos	Taxonomia
Excelsior Hotel	1931	8	Animotopônimo[6]
Granito	1934	3	Litotopônimo[7]
Jangada	1948	9	Sociotopônimo[8]

6 Relativos à vida psíquica, à cultura espiritual, abrangendo a todos os produtos do psiquismo humano, cuja matéria prima fundamental, e em seu aspecto mais importante como fato cultural, não pertence à cultura física.

7 Topônimo de índole mineral, relativos também à constituição do solo.

SulAmérica	1953	12	Cardinotopônimo[9]
Jalcy Metrópole	1959	12	Antropônimo[10]
Jalcy Avenida	1960	12	Antropônimo
Philomeno Gomes (Lord Hotel)	1956	8	Antropônimo
Carlos Jereissati (Hotel Savanah)	1964	13	Antropônimo
Cineteatro São Luiz	1958	10	Hagiotopônimo[11]
Palácio Progresso	1964	12	Animotopônimo

Fonte: Elaborado pelo autor.

De acordo com o quadro 3, os nomes dos edifícios estão relacionados aos proprietários (Philomeno Gomes, Carlos Jereissati, José Alcy Siqueira – Jalcy), atividades ou qualquer menção ao trabalho (SulAmérica Capitalizações) ou ao pertencimento, seja de uma empresa ou pessoa. Isso demonstra que a nomenclatura adotada aponta a forma como a estrutura de poder deixar marcas no espaço, seja no nome de ruas ou de edifícios, refletindo no modo como a cidade está sendo produzida e desenvolvida.

Considerações finais

Assim como destacam Retrovender e Seide (2017), os estudos sobre os topônimos, sejam em nomes de lugares ou edifícios, auxiliam na compreensão do lugar e dos elementos que compõem a cidade, uma vez que é uma leitura feita a partir da compreensão da construção do ponto de vista linguístico dos edifícios residenciais, comerciais e de uso misto e a sua função urbana, mas que extrapola e se aprofunda na subjetividade por meio da ideia que se concretiza em formas e alturas.

As contribuições da Toponímia para diversas ciências perpassam pela correlação entre os estudos sobre o espaço urbano, aspectos arquitetônicos, geográficos, históricos e linguísticos, de forma a possibilitar uma leitura sobre a cidade de Fortaleza, os processos locais e globais no tempo e no espaço. Assim como o nome dos lugares, é possível compreender a cidade por meio de outros elementos que também configuram uma identidade e memória. Pode-se estudá-los sob a óptica arquitetônica ou geográfica, imprimindo conceitos vindos da Toponímia e de outras ciências do Léxico, como parte da construção de uma linguagem não somente visual, mas também subjetiva.

8 Relativos às atividades profissionais, aos locais de trabalho e aos pontos de encontro dos membros de uma comunidade.

9 Relativos às posições geográficas em geral.

10 Relativos aos nomes próprios individuais: prenomes, hipocorísticos, prenome + alcunha, apelidos de família e prenome + apelido de família).

11 Relativo aos santos e santas do hagiológio romano. Subdivisão de Hierotopônimo. (DICK, 1990b).

Explorar a riqueza do conjunto toponímico presente nas denominações dos edifícios em Fortaleza é de fundamental importância para compreender melhor como a cidade foi produzida de uma forma construtiva e interpretativa que envolve processos endógenos e exógenos e influências a níveis regionais, nacionais e globais em diferentes épocas e como eles formam um mosaico na paisagem, não somente pela forma, mas pela linguagem que empregam no espaço. As possibilidades de estudo havendo esta correlação pode tratar tanto na perspectiva do patrimônio material quanto imaterial através da tradição oral, por exemplo, uma vez que, a linguagem reúne elementos repletos de valores, experiências e símbolos que revelam crenças e visões de mundo.

Há vários fatores que fazem com que estes nomes sejam escolhidos e esta particularidade enriquece o conjunto toponímico, de forma que, os elementos podem ser identificados no tempo e no espaço e são cristalizados a partir da materialização da ideia por meio do nome. O intuito de elencar e classificar os nomes revela um olhar de como a cidade foi produzida a partir dos elementos pertinentes à língua e isto também perpassa pela linguagem que os edifícios criam com o lugar onde estão instalados, utilizando-se de elementos presentes na paisagem ou o contrário: não possui. O fato é que cada caso tem de ser estudado individualmente, uma vez que, o conjunto toponímico é variado, diversificado e as possibilidades são múltiplas.

No caso dos edifícios de Fortaleza Há uma miscelânea no tempo e no espaço dos tipos de denominações, de forma que, num primeiro momento temos nomes de proprietários, empresas e famílias ao mesmo passo que há a inclusão de elementos que fazem parte da construção como materiais e tipos de moradia, mas ainda assim, os nomes de pessoas prevalece como uma forma de simbolizar a importância do responsável pela construção, mas, posteriormente há a inclusão de vários topônimos que revelam o aumento do panorama de denominações: nomes de praias de outros estados, nomes de países, vilas, comunas, personalidades estrangeiras e termos vindos do inglês, francês, italiano, espanhol, dentre outros que muitas vezes não fazem parte do contexto local enquanto que, personagens históricos da cidade são excluídos, apresentando, desta forma, a seleção de uma memória. É por este motivo que boa parte dos fortalezenses não reconhecem ou sabem sobre as personalidades que nomeiam os edifícios, exceto quem os denominou e uma pequena parcela que possua algum vínculo direto ou indireto. Não há ao certo uma periodização fixa em estabelecer quando uma nomenclatura entra em desuso e a outra inova, de forma que, todas são aplicadas em diversas décadas e se misturam.

Bibliografia

ANDRADE, Margarida Júlia Farias de Sales. *A verticalização e a origem do movimento moderno em Fortaleza.* Docomomo, Fortaleza, 2016.

AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). *Fortaleza de ontem e de hoje.* Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1991.

BENEDITO, Francisco. *Caminhando por Fortaleza.* Fortaleza: Destak – Gráfica e Editora, 1999.

BORGES, Marília Santana. *Quarteirão sucesso da cidade:* o Art Déco e as transformações arquitetônicas na Fortaleza de 1930 e 1940. Tese (Doutorado em) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

CAPASSO, Marcelo Mota. *Fluxos, formas e funções no Centro tradicional de Fortaleza.* Trabalho Final de Graduação (Curso de Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal do Ceará – Fortaleza, 2004.

CAVALCANTE, Márcia Gadelha. *"Os edifícios de apartamentos em Fortaleza (1935-1986):* dos conceitos universais aos exemplos singulares." Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

CAVALCANTE, Márcia Gadelha; BARROSO, Paulo Hermoso Mota. A hegemonia do edifício habitacional na verticalização de Fortaleza. *IV ENANPARQ* (Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Porto Alegre, 2016.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. *Capítulos de Geografia histórica de Fortaleza.* Fortaleza: Imprensa Universitária UFC, 2017.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. *Toponímia e Antroponímia no Brasil.* Coletânea de estudos. 2ª ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1990b.

_____. O Sistema Onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *As ciências do léxico:* lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001, p. 79-90.

DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. *Arquitetura e estrutura:* o uso do concreto armado em Fortaleza. Dissertação (Mestrado em Edificações) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2001.

DUARTE, Sérgio Ricardo; VASCONCELOS, Eduardo Antônio Ribeiro de. Ascensão e declínio da hotelaria no Centro de Fortaleza. *Revista Hospitalidade*, v. 13, São Paulo, 2016, p. 29-47.

FAGGION, Carmem Maria; MISTURINI, Bruno. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. *Linha D'Água (online),* São Paulo, v. 27, n. 2, p. 141-157, dez. 2014.

FARIAS, José Almir. *O Plano Moderno e a morfologia do traçado:* Narrativa sobre um Traçado de Xadrez que aprisiona o discurso do projeto social. Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo (X SHCU). Recife, 2008.

GONÇALVES, Joana Carla Soares. *The environmental performance of tall buildings.* London: Earthscan, 2010.

GOTTDIENER, Mark. *A produção social do espaço urbano.* 2. ed. São Paulo: EdUSP, 1997.

KERKHOVEN, Rebeca Cristina; SEIDE, Márcia Sipavicius. Os nomes dos edifícios em Marechal Cândido Rondon: estudo exploratório. *Revista Linguasagem*, São Carlos, v. 28, n.1, jan./jul. 2017, p. 365-387.

LYONS, John. *Novos horizontes em Linguística.* São Paulo: Cultrix/EdUSP, 1976.

MOURA, Rosa. *Arranjos urbano-regionais no Brasil:* Uma análise com foco em Curitiba. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

PAIVA, Ricardo Alexandre; DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. A Contribuição do arquiteto José Liberal de Castro à escrita da História da Arquitetura e do Urbanismo no Ceará. In: *Seminário Iberoamericano de Arquitetura e Documentação*, Belo Horizonte, 2011.

PAIVA, Ricardo Alexandre; DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira; CAVALCANTE, Márcia Gadelha; SANTIAGO, Zilsa Maria Pinto; CRUZ, Laila Maria Aragão da. Documentação, conservação e restauração sobre o guia da arquitetura (proto)moderna de Fortaleza (1932-1960). *3º Simpósio Científico do ICOMOS Brasil*, Belo Horizonte, 2019.

PAIVA, Ricardo Alexandre; ROCHA, Carlos Bruno Oliveira; DIAS, Sofia Martins de. Memória e documentação digital em Fortaleza: O Palácio Progresso (1964-1969). *Revista de Ciência e Tecnologia.* Fortaleza, 2021.

PONTE, Sebastião Rogério. *Fortaleza Belle Époque:* reforma urbana e controle social (1860-1933). 5. ed. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2014.

SAPIR, Edward. *Le language.* Introduction à l'étude de la parole. Traduit de l'anglais par S. M. Guillemin. Paris: Petite Bibliothèque Payot, 1921.

SILVA, José Borzacchiello da. Formação socioterritorial urbana. In: DANTAS, Eustógio Wanderley Correira; SILVA, José Borzacchiello da; COSTA, Maria Clélia Lustosa. *De cidade a metrópole:* (Trans)formações Urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009, p. 87-142.

SILVA, José Pereira da. Elementos da Terminologia Toponímica. *Cadernos do XXI Congresso Nacional de Linguística e Filologia.* Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2017.

SOUZA, Maria Salete de. Fortaleza. Uma análise da estrutura urbana. In: *Anais do 3º Encontro Nacional de Geógrafos.* Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1978.

SOUZA, Maria Salete de. Análise da estrutura urbana. In: SILVA, José Borzacchiello da; CAVALCANTE, Tércia Correia; DANTAS, Eustógio Wanderley Correia; COSTA, Maria Clélia Lustosa. *De cidade à metrópole:* (Trans)formações urbanas em Fortaleza. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-urbano no Brasil.* 2. ed. São Paulo: Studio Nobel, FAPESP, Lincoln Institute, 2001.

VINCENT, August. *Que signifient les noms de lieux?*. Bruxelles: Office de publicité, 1947 (Collection National).

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. *A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas:* o rural como espaço singular e ator coletivo. Inédito: Recife, 2001.

The building has a name: Verticalization and Toponymy in the Centre of Fortaleza (1931 – 1964)

This article aims to relate verticalization in the center of Fortaleza, the capital of Ceará, to the names of buildings, based on a series of anthropocultural taxonomies. The time frame is from 1931, when the city's first "skyscraper" was inaugurated, the Excelsior Hotel, to 1964, when the Palácio Progresso building was inaugurated, at a time when the verticalization axes were becoming more specialized beyond the city's central core. Using documents, urban planning legislation, secondary data, plans and old photos, it was possible to choose ten buildings to analyze some characteristics that could express in time and space the reasons that led to their respective designations. Their location itself represents a different phase of verticalization in the center, their historical importance shows new ways of living and building, new uses and functions assigned to them reflect the way the city itself has been built over time and all this can be analysed from their names. From place names to buildings, the formation of a toponym whose relationship is linked to endogenous and exogenous factors, history, geography and so many other elements, builds an imaginary full of values, beliefs and views on the world. Therefore, the relationship between verticalization and Toponymy (the study of place names) allows a reading of the urban space, bringing important processes to the understanding of the transformations that have taken place in the center of the capital.

KEYWORDS: urban space, place, toponymy, building, center

El edificio tiene un nombre: Verticalización y Toponimia en el Centro de Fortaleza (1931 – 1964)

El objetivo de este artículo es relacionar la verticalización en el centro de Fortaleza, capital de Ceará, a partir de los nombres de los edificios y del contexto histórico en que fueron inaugurados, utilizando una serie de taxonomías antropoculturales. El marco temporal abarca desde 1931, año en que se inauguró el primer "rascacielos" de la ciudad, el Hotel Excelsior, hasta 1964, año en que se inauguró el edificio Palácio Progresso, en un momento en que los ejes de verticalización se especializaban más allá del núcleo central de la ciudad. A partir de documentos, legislación urbanística, datos secundarios, planos y fotos antiguas, fue posible elegir diez edificios para analizar algunas características que pudieran expresar en el tiempo y en el espacio las razones que llevaron a sus respectivas designaciones. Su propia ubicación representa una fase diferente de verticalización del centro, su importancia histórica presenta nuevas formas de vivir y construir, los nuevos usos y funciones que se les atribuyen reflejan la forma en que la propia ciudad se ha ido construyendo a lo largo del tiempo y todo ello puede analizarse desde el punto de vista de sus nombres. Desde los topónimos hasta los edificios, la formación de un topónimo cuya relación está ligada a factores endógenos y exógenos, a la historia, a la geografía y a tantos otros elementos, construye un imaginario lleno de valores, creencias y visiones del mundo. Así, la relación entre verticalización y toponimia (el estudio de los topónimos) permite una lectura del espacio urbano, aportando importantes procesos a la comprensión de las transformaciones que han tenido lugar en el centro de la capital.

PALABRAS CLAVE: Espacio urbano, lugar, toponimia, edificio, centro

Artigo recebido em maio de 2024. Aprovado em agosto de 2024.